

MILTON SANTOS E SUA TEORIA GEOGRÁFICA: ORIGENS E EIXO INTERPRETATIVO

Mônica Sampaio Machado

(Profa. Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Thiago Adriano Machado

(Doutorando Universidade Federal Fluminense)

Resumo

O objetivo principal deste trabalho é apresentar e discutir a teoria geográfica elaborada por Milton Santos e expressa de forma acabada, em 1996, na primeira edição do livro *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. A teoria geográfica desse notável intelectual brasileiro é trazida aqui não apenas pela sua originalidade e valor no campo científico geográfico, mas sobretudo pela sua atualidade interpretativa. Buscando explorá-la e contextualizá-la, inicialmente, serão apresentadas a forma de produzir do autor, cumulativa e dialética, e as origens de suas proposições teóricas, que remontam aos primeiros trabalhos do autor, publicados entre 1948 e 1960. Em seguida, será exposto e discutido o eixo interpretativa da teoria geográfica, sustentado na ideia da Geografia como filosofia da técnica e nos seus desdobramentos conceituais.

Palavras-chave: Geografia brasileira, Milton Santos, espaço geográfico, filosofia das técnicas, epistemologia da Geografia.

Introdução

Nascido no interior da Bahia, em 1926, Milton Santos viveu até finais da década de 1950, entre Salvador e o sul baiano, região então dinamizada pela atividade econômica do cacau. Foi nesse espaço geográfico que se formou e desenvolveu suas atividades profissionais vinculadas à Geografia, ao Direito e ao exercício jornalístico, assim como elaborou suas primeiras reflexões teóricas sobre a Geografia e realizou seus primeiros estudos geográficos empíricos.¹ Seus trabalhos iniciais refletem o ambiente baiano do período, principal tema de seus estudos empíricos, como também uma demanda por teorização da disciplina, corrente à época, vinculada à cientificidade e à operacionalização de uma Geografia regional de matriz francesa, de grande influência no Brasil de então.

Nesse sentido, reveladores são os primeiros trabalhos compreendidos entre os anos de 1948 e 1960. Apresentam e exprimem as características teóricas mencionadas, pautadas em autores franceses, como Vidal de La Blache, Pierre Deffontaines, Pierre George, Pierre Gourou, Pierre Monbeig, Jean Labasse, Maurice Le Lannou, Max Sorre, Michel Rochefort, Lucien Gallois, Jean Tricart, Jean Brunhes, Emmanuel de Martonne, Camille Valaux, André Cholley e Albert Demangeon, e em vários autores brasileiros. Estes, influenciados pela Geografia francesa, eram vinculados a órgãos importantes de Governo

¹ Maria Auxiliadora da Silva (2002) e Milton Santos (2000).

que muito contribuíram para a implantação da Geografia como ciência moderna no país, o Conselho Nacional de Geografia, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (CNG-IBGE) e a Universidade de São Paulo. Entre esses autores brasileiros, destacam-se os ibgeanos, Aziz Ab'Saber, Fábio de Macedo Soares Guimarães, Jorge Zarur, Elza Keler, Alfredo Porto Domingues (IBGE) e o uspiano, Aroldo de Azevedo, que aparecem nas obras iniciais de Milton Santos tanto fortalecendo a perspectiva teórica e metodológica francesa quanto sustentando os estudos empíricos, regionais e urbanos, que ao autor realizou no sul baiano e em Salvador.

No período mencionado destacam-se 14 (quatorze) trabalhos realizados por Milton Santos: 1) *O povoamento da Bahia: suas causas econômica*, 1948; 2) *Estudos sobre geografia*, 1953; 3) *Os estudos regionais e o futuro da geografia*, 1953; 4) *Ubaitaba: estudo de geografia urbana*, 1954; 5) *Zona do Cacau: introdução ao estudo geográfico*, 1955; 6) *Problemas de geografia urbana na zona cacauzeira bahiana* (em coautoria com Tricart e outros), 1956; 7) *O papel metropolitano da cidade de Salvador*, 1956; 8) *A cidade de Jequié e sua Região*, 1956; 9) *Localização Industrial em Salvador*, 1958; 10) *Estudos de geografia da Bahia: geografia e planejamento*, 1958; 11) *O centro da cidade de Salvador: estudo de geografia urbana*, 1958; 12) *Rede urbana do Recôncavo*, 1959; 13) *Geografia e Desenvolvimento Econômico*, 1959; 14) *A cidade como centro de região: definições e métodos de avaliação da centralidade*, 1959.

Interessante observar nesses trabalhos, especialmente, a partir de 1955, além das referências teórico-metodológicas da Geografia lablacheana e da Geografia de Michel Rochefort e Pierre George, advindas diretamente dos geógrafos franceses ou indiretamente dos brasileiros, e da sua opção pelos estudos empíricos regionais e urbanos do território baiano, o início de uma influência anglo-americana originária da economia e do planejamento urbano e regional, através dos diálogos com autores como John W. Alexander, John Friedmann, Leonard Yasseem, Clarence Jones e Laurence Dudley Stamp. Possivelmente, esse diálogo foi fruto da participação de Milton Santos em eventos e cursos de formação profissional que eram então organizados pelos geógrafos do IBGE, no Rio de Janeiro. Desde finais dos anos de 1940, Milton Santos passaria a vir com frequência ao Rio e a São Paulo, tanto para ampliar seu conhecimento e formação em Geografia quanto para estabelecer uma rede de relações intelectuais e de trabalho.² Embora as influências, associadas à economia e ao planejamento, de Rochefort, George e dos anglo-americanos, não apareçam com expressão em seus primeiros trabalhos, estão associadas de maneira criativa e original à abordagem regional que o autor desenvolve no período e nos estudos geográficos que realiza posteriormente.

O início de sua carreira é, assim, caracterizado tanto por trabalhos estritamente teóricos quanto por aqueles eminentemente empíricos, alicerçados pela geográfica francesa clássica e recheados de uma abordagem funcionalista, a qual destacam-se as funções urbanas e a hierarquia da rede de cidades. Um estudo exemplar, nessa direção, podendo inclusive ser considerado como uma espécie de síntese do pensamento geográfico do autor nos primeiros anos de sua produção, é *Zona do Cacau: introdução ao estudo geográfico*, tendo duas edições em 1955 e 1957.

² Mônica S. Machado (2014, p.135).

Portanto, da produção de Milton Santos entre 1948 e 1960, *Zona do Cacau* destaca-se por apresentar o envolvimento do autor com a temática regional, como também por manifestar a essência de seu pensamento no período, entrelaçando a Geografia regional francesa clássica de matriz lablacheana e seus desdobramentos, principalmente a partir de Pierre Monbeig e Jean Brunhes, com os estudos de Rochefort e de George, e com pitadas de uma emergente Geografia anglo-americana de cunho econômico funcionalista. Um pensamento geográfico, rico, inovador, embora delimitado ao cenário político-espacial baiano de meados da década de 1950. A edição aqui analisada refere-se à publicada em 1957, a 2ª. edição. Conforme o próprio autor, uma edição “revista e melhorada”, à qual foram acrescentados resultados de trabalhos e pesquisas posteriores à 1ª edição, como é o caso dos capítulos, *Problemas de Geografia urbana, O comércio do Cacau, e, A industrialização do cacau*. Além de modificações substanciais em outros capítulos.

Por último cabe ainda salientar que a 2ª edição da *Zona do Cacau* não apenas expressa a aplicação das teorias da Geografia regional francesa e a entrada do método regional resultado de influências funcionalistas francesas e anglo-americanas, para tratar da realidade em estudo, assim como apresenta aspectos centrais que estarão igualmente presentes na teoria social do espaço elaborada e consolidada futuramente pelo autor. Nessa obra é possível identificar um embrião da teoria geográfica de Milton Santos, essencialmente a relação entre fenômeno técnico e meio geográfico.

1. A forma de produção e as origens de sua proposição teórica: Zona do Cacau

O início do século, em seu livro clássico, *La Géographie Humaine*, Jean Brunhes propõe uma definição da geografia, mediante um exercício de aproximações sucessivas. Após redigir uma primeira tentativa, ele a considera insatisfatória. Daí uma segunda proposta e, afinal, uma terceira. O que há de original nessa démarche é que o leitor acompanha o processo de pensamento do autor, as etapas consecutivas do aperfeiçoamento de sua construção intelectual e o resultado final, que é sua definição da geografia. Tentemos, aqui, o mesmo exercício, não mais em relação à geografia, mas quanto ao espaço geográfico. (Milton Santos, 1996, p.50)

Embora referindo-se a Jean Brunhes, a citação acima escrita por Milton Santos, em *Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*, resume de maneira exemplar a sua própria forma de criação e produção intelectual. A partir de um exercício de aproximações sucessivas sobre o objeto de estudo, Milton Santos apresenta a cada publicação um conjunto de conhecimentos acumulados, que é sempre revisitado e aprimorado em novas publicações. Esse exercício, como Milton Santos ressalta, ocorre não em busca da definição de geografia, mas sim com o propósito de discutir e definir o espaço geográfico, que ele mesmo defendia, na introdução da obra citada, como objeto de estudo da ciência geográfica por excelência. Mesmo em obras posteriores dedicadas predominantemente à história da Geografia, como *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*, de 1978, o propósito de Milton Santos com relação à busca de uma definição do espaço geográfico prevalece.

Nesse sentido é interessante observar a obra *Zona do Cacau*. Embora se configure como um estudo empírico da região cacauceira do sul da Bahia das décadas de 1940 e 1950, podemos aqui encontrar a essência da teoria geográfica de Milton Santos, desenvolvida de forma acabada, em 1996, em *A natureza do espaço técnica e tempo: razão e emoção*, sustentada pelo estudo da relação, estabelecida historicamente, entre o homem e o meio, através da técnica. Esse eixo interpretativo, presente em suas primeiras obras, vai sendo desenvolvido e aprimorando ao longo de sua vida, evidenciando-se não somente nas obras escritas posteriormente, como também nas aulas, palestras e nas investigações levadas à frente pelo autor. Outra característica fundamental da forma de produção de Milton Santos, evidente em seus livros e artigos, é a maneira dialética com que ele apresenta e discute um tema. Sempre dialogando com profundidade com vários autores com pontos de vistas diferenciados e de referência para o estudo que realiza, Milton Santos expõe e explora suas proposições, ressaltando tanto as contribuições, quanto as dúvidas, os limites e as contradições desses interlocutores, para, por fim, apresentar sua própria construção intelectual, deixando claro as origens e as contradições originárias.

Buscando ilustrar esse conjunto de características mencionadas, relativas à forma de criação e produção de conhecimento em Milton Santos, será agora explorado o livro *Zona do Cacau*, considerado aqui um excelente exemplo da originalidade do pensamento do autor, presente em obras posteriores, e o marco originário de sua teoria geográfica.

Observações sobre a “Zona do Cacau: introdução ao estudo geográfico”

Zona do Cacau: introdução ao estudo geográfico, 2ª. edição, 1957, apresenta o envolvimento do autor com a temática regional e, ao mesmo tempo, ilustra a essência de seu pensamento. Para o período, um pensamento geográfico rico e inovador, construído tanto a partir de referências teórico-metodológicas variadas quanto do levantamento e análise dos diferentes elementos do meio, em busca não apenas de uma síntese regional, mas de um exemplo, um estudo de caso, capaz de ilustrar a dinâmica da sociedade baiana. Nesse sentido, do ponto de vista metodológico, essa 2ª. edição, de 1957, além da realidade material, também apresenta uma importante contribuição aos estudos geográficos no período e, mesmo, na atualidade.

Para ilustrar a característica cumulativa e dialética da forma de produção de Milton Santos, antes de explorarmos a obra mencionada, vale lembrar que ela foi elaborada a partir de estudos e trabalhos anteriores do autor no exercício de suas atividades de professor em Geografia Humana, na política baiana e no jornalismo, quando correspondente da Zona do Cacau para o jornal *A Tarde*.³ Assim, Milton Santos escreve

³ Durante o início dos anos de 1950, morando em Salvador e Ilhéus e visitando o Rio de Janeiro, Milton Santos dividia seu tempo, principalmente, com a política, com as aulas e pesquisas em Geografia Humana e com as atividades jornalísticas, ele mesmo um jornalista profissional. Em Ilhéus, inicialmente, leciona no Colégio Municipal de Ilhéus e advoga Direito Penal e Direito Comercial Marítimo. Posteriormente torna-se correspondente da Zona do Cacau para o importante jornal de Salvador *A Tarde*, de propriedade de Ernesto

cinco trabalhos, resultado dessas atividades profissionais e de sua trajetória espacial no período, antes da publicação da 2ª. edição da *Zona do Cacau*: 1) *O povoamento da Bahia: suas causas econômica*, 1948; 2) *Estudos sobre geografia*, 1953; 3) *Os estudos regionais e o futuro da geografia*, 1953; 4) *Ubaitaba: estudo de geografia urbana*, 1954; 5) *Zona do cacau: introdução ao estudo geográfico*, 1955. É a partir de uma leitura crítica desses trabalhos, que Milton Santos vai reelaborando e ampliando seu estudo sobre a Bahia e sobre a Geografia e escreve a edição de 1957, da *Zona do Cacau*. Essa reelaboração vai sendo conduzida com a introdução de novos dados, informações, e autores, que são apresentados em um contínuo diálogo.

Nessa obra, Milton Santos elabora um rico cenário político-espacial baiano, apresentando, inicialmente, a caracterização da zona cacaeira da Bahia, na década de 1950, que representava 95% da produção do cacau nacional, ocupando o 2º lugar na estatística mundial. Conforme o próprio autor, o cacau era a base da economia baiana, e bem mais da metade do orçamento do Estado advinha da cultura do cacau. Assinalando a ignorância da Bahia sobre a importância do cacau, Milton Santos escreve sobre a Zona do Cacau baiana, a partir de uma visão de conjunto, mostrando que a produção do cacau envolve uma ampla rede de relações econômicas, sociais e psicossociais. Na realidade, nessa obra, o autor operava tanto com a Geografia regional clássica lablacheana, com conceitos de região e gênero de vida e habitat, fruto da relação do homem com a terra, quanto introduzia uma abordagem econômica funcionalista francesa e anglo-americana, na qual destacavam-se as funções e hierarquias urbanas.

A edição de 1957 está organizada em 12 partes. I) A Zona do Cacau: região e zona; II) O cacau e o quadro natural; III) A cultura do cacau; IV) Povoamento e População; V) O habitat rural; VI) Problemas de Geografia Urbana: evolução dos transportes e classificação funcional das aglomerações; VII) Os transportes; VIII) O comércio do cacau: internacional e local; IX) A industrialização do cacau; X) Alimentação na zona cacaeira; XI) Tipos humanos: fazendeiro, explorador, banqueiro, trabalhador; XII) Dados estatísticos.

Na primeira parte, o autor apresenta sua classificação para a Zona do Cacau, que se diferenciava da classificação do IBGE; inclui alguns municípios e exclui outros, justificando sua delimitação. Em seguida, oferece uma descrição da localização e do quadro natural da Zona do Cacau, o clima, a floresta, o solo etc., assim como a relação entre os elementos naturais e a relação do cacau nesse cenário. Aqui, além de detalhes das características físicas, são também traçadas ricas paisagens da Zona do Cacau, onde as formas, cores e odores saltam do texto.

Para traçar a cultura do cacau, Milton Santos expõe em detalhes as práticas mais comuns do plantio, para depois explorar e exemplificar a dinâmica da cultura cacaeira, por meio de um estudo de caso. Assim, um estudo de caso sobre uma importante fazenda de cacau, na época, explora e extrai exemplos da produção, da cultura, das técnicas, dos trabalhadores, da comercialização, da alimentação etc. que são reveladores da forma de produção em grande escala da agricultura baiana e brasileira naquele período.

Voltando à escala zonal, Milton Santos constrói um quadro do povoamento, da população, das habitações, associando-o ao papel econômico e cultural do cacau. Grande destaque é dado à história do território do cacau, remontando aos primórdios da formação do Estado, a partir das capitânicas hereditárias, São Jorge de Ilhéus e Porto Seguro. Nessa leitura histórica, sustentado em Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), o visconde de Porto Seguro, militar, diplomata, historiador e importante intelectual do Império, membro do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, filho de uma portuguesa e um alemão, Milton Santos apresenta uma interpretação do povoamento das capitânicas, em que são ressaltadas as bravuras do bandeirantismo, o esforço do colonizador português, as ações de Mem de Sá, a atuação dos “jagunços” como responsáveis pelo desbravamento das matas e o desenvolvimento de lavouras do cacau. Segundo Milton Santos, todos, de forma diferenciada, foram importantes no combate aos indígenas, considerados pelo autor como um grande entrave à penetração do povoamento e ao aproveitamento dos recursos econômicos da região.

A partir de então, inicia a discussão sobre a dinâmica urbana na Zona do Cacau, que denomina de “problemas de Geografia urbana”. São tratadas a evolução dos transportes e as consequentes mudanças de hierarquia das cidades. É interessante observar que a entrada interpretativa do autor para o estudo da urbanização e da rede de cidades da Zona do Cacau, além de respaldada em Brunhes, Rochefort, George e nos anglo-americanos, é realizada a partir do estudo das técnicas, traço marcante em suas análises geográficas. Milton Santos apresenta um quadro da Zona do Cacau antes do transporte mecânico, a chegada da ferrovia, o papel das rodovias e as cidades nesses contextos, em busca de uma classificação e hierarquia das cidades a partir do desenvolvimento econômico do cacau. Em seguida, para indicar a dinâmica e o impacto resultante do cacau na região, Milton Santos apresenta os objetos técnicos, como os meios de transportes, os portos, as rodovias, as ferrovias, os aeroportos, o comércio internacional, o comércio local e a industrialização do cacau. A ideia, portanto, do desenvolvimento e incorporação da técnica ao território, como forma explicativa da dinâmica espacial, base da teoria do espaço elaborada pelo autor, ao longo de sua vida, já é aqui evidenciada.

Após essa caracterização da urbanização, o autor dedica-se à alimentação dos trabalhadores da zona cacauera, buscando identificar comportamentos culturais e carências nutricionais. Referências são feitas às duas obras de Josué de Castro *Geografia da Fome e Geopolítica da Fome*, publicadas respectivamente em 1946 e 1951. Por último, reconhece os tipos humanos (um indicativo de identificação das classes sociais) ajudam a caracterizar e sintetizar a dinâmica social da então Zona do Cacau, o fazendeiro, o exportador, o banqueiro e o trabalhador.⁴

Com essa obra, Milton Santos não apenas expressa seu conhecimento e envolvimento no contexto político-econômico e geográfico baiano, como também entra com destaque no campo científico da Geografia brasileira, pela qualidade de seus dados,

⁴ Apesar do debate que coloca como perspectivas opostas “tipos humanos” e “classes sociais”, os primeiros identificados nos estudos sociais tradicionais, além da crítica advinda do pensamento brasileiro e influenciada pelas abordagens pós-colonialistas, sobre importação de modelos europeus para os estudos do território brasileiro, consideramos os tipos humanos elencados por Milton Santos com importantes indicadores das relações de classes no período e no espaço geográfico em questão.

informações, argumentos, pela interpretação espacial baseada na associação entre técnica e território que elabora e pela estrutura metodológica de sua obra. Neste sentido, destaca-se o estudo de caso que oferece, uma vez que ele não se resume apenas a um estudo da caracterização das singularidades da área, mas sim revela a dinâmica da grande produção agrícola baiana e brasileira, do período, e seus impactos na urbanização. Destaca-se também a forma de identificação dos principais personagens que dão dinâmica à região, sinalizando classes e conflitos sociais, assim como os principais agentes que dão forma e conteúdo ao espaço geográfico.

2. Teoria social do espaço: a Geografia como uma “filosofia das técnicas”

A teoria geográfica desenvolvida por Milton Santos foi um projeto que adquiriu maturidade no correr de décadas de trabalho e sempre esteve atrelado aos estudos empíricos, sobretudo aqueles voltados ao território brasileiro. Podemos afirmar, portanto, que sua trajetória intelectual conserva dois projetos amplos que dialogam entre si: uma teoria social do espaço e uma interpretação geográfica do Brasil.⁵ Essas ambições ficam evidentes no conjunto da sua obra, o que tem levantado muitas discussões e incentivado vários estudos e publicações.⁶

É também grande o volume de reflexões sobre a vida e obra de Milton Santos na busca de periodizações do seu pensamento e suas obras.⁷ A periodização, como recurso metodológico, é fundamental para esclarecer o fenômeno em estudo, porém, guarda sempre um certo senso arbitrário, segundo o escopo a que se endereçam as respectivas pesquisas sobre um determinado fenômeno. Desse modo, oferecemos aqui uma breve periodização que tem por critério situar o pensamento do autor, segundo uma combinação entre temáticas de estudo e afinidades teórico-metodológicas. O intuito é compreender a formação de sua teoria social do espaço, em sua gênese e desenvolvimento, e situar a obra *Zona do Cacau* nesse conjunto.

Podemos, a grosso modo, conceber três momentos distintos: o primeiro engloba os trabalhos iniciais, em que produziu estudos urbano-regionais na Bahia com predominância da Geografia regional francesa; o segundo momento em que foi se aproximando do marxismo e voltando-se à temática do subdesenvolvimento, sobretudo por meio do fenômeno da urbanização, e do espaço como objeto da Geografia; e, por fim, o terceiro, um período de maturidade, no qual integrou a temática da globalização e do lugar por meio da operacionalização do conceito de território. Ainda que a cada período conceitos e temáticas distintos sejam destacados, desde os trabalhos iniciais, um traço comum de sua trajetória epistemológica é a presença da técnica enquanto fundamento de explicação.

⁵ Thiago Machado, 2017.

⁶ Entre esses estudos e publicações vale mencionar: GRIMM, 2011; CONTEL, 2014; MENDOZA, 2008; MORAES, 2013; SILVA, 2002; SILVEIRA, 2011; SOUZA, 1996; ZUSMAN, 2002.

⁷ Aqui estão dois exemplos diferenciados de classificações sobre a vida e obra de Milton Santos: ELIAS, 2002 e MACHADO, 2014.

Por esse motivo que o conceito de meio geográfico é uma constante na sua teoria social do espaço. Articulado ao fenômeno técnico, o conceito de meio geográfico em Milton Santos vai sendo elaborado associando desde a noção de gênero de vida, oriunda da Geografia lablacheana, quanto a de formação socioespacial, categoria criada por Milton a partir da formação econômica e social de Marx.

Há, nesse sentido, uma característica em Milton Santos que deve ser destacada: o seu ecletismo, fruto de sua rica e consolidada formação intelectual e cultural. Longe, portanto, de significar frouxidão ou falta de rigor científico, permitia-o assimilar teorias e métodos de correntes de pensamento diversas, tal como de áreas do conhecimento avizinhas à Geografia. Desta feita, é possível observar no seu texto a convivência das citações de Sartre, Marx, Durkheim, Max Weber, Simmel, dentre outros, integrando-os na formulação de uma teoria bastante autoral. No tocante à questão da técnica, esse ecletismo é perceptível e permite reunir tanto os geógrafos que tratavam do tema, a exemplo de Max Sorre, Pierre Gourou e Pierre George, quanto filósofos e sociólogos, tal como Jacques Ellul, Max Weber, Jürgen Habermas, dentre outros.

Primeiramente concebida através do estudo dos gêneros de vida, a técnica medeia a relação entre o homem e o meio, e confere a capacidade de adaptação e transformação da natureza por parte da atividade humana. Esta é uma formulação a partir da corrente de Paul Vidal de La Blache, que associa os conceitos de gênero de vida, meio, habitat, paisagem e região. Dessa forma, é estabelecida uma identidade entre o homem e o meio, produzindo, cada gênero de vida, um tipo humano e, a ele relacionado, uma paisagem. Conforme Max Sorre “Conjunto de técnicas, os gêneros de vida são formas ativas de adaptação do grupo humano ao meio geográfico”.⁸

Associada à discussão advinda da matriz lablacheana de gêneros de vida, está uma perspectiva regional, que identifica as regiões segundo suas particularidades, ao passo que se constituam “personalidades regionais”. Tornou-se célebre a frase de La Blache de que a geografia, não sendo uma ciência dos homens, seria “uma ciência dos lugares”. Esse é o aparato teórico a que Milton Santos se afilia no começo de sua carreira e um dos seus trabalhos mais importantes desse período, *Zona do Cacau*, é produzido segundo as monografias regionais de inspiração na geografia regional francesa.⁹ Diria Milton Santos:

Faltam à zona cacauera baiana estudos de conjunto, que a vejam e apresentem como um todo, mostrando como elementos nela presentes agem entre si, como a terra e o homem puderam harmonizar-se na

⁸ Max Sorre, 1984 [1952], p. 103

⁹ A marca dessa influência regional nos seus primeiros trabalhos fica ainda mais evidente na publicação de 1953, *Os estudos regionais e o futuro da geografia*, no qual defende ser a Geografia regional o estudo geográfico por excelência. Para ele a Geografia pode ser concebida como uma “ciência de relações” a partir da qual o geógrafo produziria sínteses, reconhecendo as relações recíprocas, de causa e efeito ou de simples dependência (Milton Santos, 1953, p.18). Alguns elementos básicos desse período do pensamento geográfico permanecem e encontram equivalentes no momento posterior de ascensão da matriz teórica marxista, como por exemplo a noção de unidade terrestre, em La Blache, e de totalidade, no marxismo, que presentes na obra miltoniana vão orientando o desenvolvimento de sua teoria. Primeiramente ao integrar a técnica à categoria trabalho no processo de produção do espaço e, posteriormente, ao avançar na sua reflexão regional.

formação de uma **personalidade regional** bem diferenciada (...) Há, porém, alguns aspectos realmente característicos da terra e da gente, cujo traço de união, inegavelmente, é o **gênero de vida** (SANTOS, 1957, pp. 7-8) (grifos nossos).

Entretanto, já surge na *Zona do Cacau*, a partir da incorporação de abordagens funcionalistas francesas e anglo-americanos, uma ampliação do estudo da técnica associada ao território, para além da perspectiva lablacheana clássica, que pode ser exemplificada nos capítulos novos que são incorporados à segunda edição, de 1957, sobretudo no capítulo VI, *Problemas de Geografia urbana*, que foi organizado em duas partes, *Evolução dos transportes e mudança de hierarquia* e *Tentativa de classificação funcional das aglomerações*. O objetivo do autor é compreender o fenômeno urbano na zona cacauzeira baiana, considerando, principalmente, o caráter exportador do produto, que promoverá impactos na própria região. Dados da circulação e transporte da produção, através de rios, ferrovias e rodovias são apresentados e associados às características e importâncias dos centros urbanos e núcleos populacionais. O propósito era estabelecer as áreas de influências das aglomerações e apresentar uma classificação hierárquica, dada pelas funções urbanas de cada aglomeração.

Apesar da incorporação dessas abordagens, nos primeiros trabalhos de Milton Santos, observa-se o predomínio da perspectiva regional francesa, perspectiva que será criticada pelo autor posteriormente nas obras: *O centro da cidade de Salvador: estudo de geografia urbana*, 1958; *O trabalho do geógrafo no Terceiro*, 1971; e *Por uma geografia nova*, 1978. Uma crítica que foi sendo construída a partir dos estudos da urbanização nos países do terceiro mundo e sobre os dois circuitos da economia urbana, de modo que nas décadas de 1960 e 1970, o tema do subdesenvolvimento passaria a ser o escopo de preocupação do autor.

Essa necessidade de renovação, contudo, não subtrai a importância da técnica ou do meio geográfico no pensamento de Milton Santos. Ao contrário, reforça a noção de um meio geográfico compreendido como meio técnico. É interessante notar que, naquele período, principalmente nos anos 1970, em função da aproximação do autor com o marxismo, o espaço como, instância social, será defendido como objeto de estudo da Geografia, o que lhe dará subsídios para formular o conceito de formação socioespacial.¹⁰ O autor afirmava que muito se discutia sobre o que é a Geografia, mas pouco sobre qual é o seu objeto, questão fundamental.

É nesse contexto que Milton Santos defende como objeto da Geografia o espaço geográfico considerando-o um produto do trabalho humano mediado pela técnica. Para tanto, lança mão do arcabouço marxista que relaciona os modos de produção e as formações sociais¹¹ e a esta relação se soma aquela do tempo e do espaço, de maneira que se os modos de produção inscrevem a história no tempo, as formações sociais escrevem-na no espaço.¹² Essa capacidade da forma de “informar” o tempo trouxe ao

¹⁰ Milton Santos, 1979.

¹¹ Emilio Sereni, 2013

¹² Milton Santos, 1979.

debate algumas questões teóricas levantadas por Milton Santos, como o conceito de rugosidades. Ao tomar esse conceito de empréstimo da geomorfologia, o autor recorre a Sartre para compreender a materialidade como uma contra-finalidade que exerce sobre os homens e a história uma ação passiva, uma práxis roubada. O espaço é um testemunho de momentos de um modo de produção cuja memória está inscrita na paisagem fixada. Guarda nas suas formas modos de produção pretéritos, com determinado processo de trabalho, meios de produção, técnicas específicas. As rugosidades nos indicariam, assim, o produto momentâneo de determinada formação socioespacial.

A escala agora apropriada ao estudo geográfico, assim, é aquela que se relaciona com a formação socioespacial, ou seja, o território de uma nação. A região, tal como o lugar e outros recortes espaciais, são subespaços que devem ser compreendidos sob a dinâmica do movimento do todo, e com o avanço do processo de globalização fica mais apropriado falarmos de circuitos espaciais de produção em vez do conceito comumente utilizado de circuitos regionais.¹³ O fundamento da regionalização passa a ser, desse modo, a densidade técnica das distintas parcelas do espaço, que somada à divisão territorial do trabalho, produzem a diferenciação espacial.¹⁴

Os estudos de Milton Santos no final da década de 1980 e na década seguinte promovem o meio técnico-científico como categoria fundamental da sua teoria, pois é ela o instrumento para se compreender os processos de modernização seletiva e de regionalização do território brasileiro. Ao mesmo tempo, o autor evolui no recurso a pares dialéticos que o auxiliam na definição do espaço geográfico, tais como fixos e fluxos e sistemas de objetos e sistemas de ação, de modo que o espaço seja entendido enquanto um híbrido.¹⁵ Como sinônimo de espaço geográfico, Milton Santos resgata o conceito de território, mas não segundo sua atribuição tradicional, pois pretende destacar o território efetivamente usado.¹⁶ Esse conceito foi objeto de controvérsia, como bem demonstrado por Antonio Carlos Robert de Moras (2013), todavia ganhou relevância nos seus últimos trabalhos, ao ponto de que sua proposta de interpretação do Brasil tinha por interesse “fazer falar o território”.

Assim, a transição para uma última fase das obras de Milton Santos, de maturidade e síntese, fica marcada pela consolidação da definição de espaço geográfico, presente, sobretudo, em *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*, 1988, e em sua obra-prima, *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*, 1996. Por outro lado, é nesse período que o seu projeto de produzir uma interpretação do Brasil é sistematizado nas publicações *A Urbanização Brasileira*, 1993, e *O Brasil: sociedade e território no início do século XXI*, 2001, este em coautoria com Maria Laura Silveira. Além disso, publica *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*, 2000, livro de divulgação científica no qual põe em questão, de forma sintética, o período histórico atual, definido por um meio técnico-científico informacional, orientado pelo motor único da mais-valia mundial.

¹³ Milton Santos, 1982b e 1985.

¹⁴ Milton Santos, 1993.

¹⁵ Concepção segundo a formulação de Bruno Latour (SANTOS, 1988; 1996).

¹⁶ Milton Santos, 2001.

Pode-se conceber para Milton Santos aquilo que ele chamava de uma família de categorias analíticas, as quais seriam intercambiáveis entre si, de modo a permitir a construção de uma teoria social do espaço coerente. É com este interesse que a Geografia é tida por Milton como uma “filosofia das técnicas”, que organiza a relação entre as distintas categorias a partir da centralidade da técnica presente no meio geográfico.

A centralidade da técnica reúne as categorias internas e externas, permitindo empiricamente assimilar coerência externa e coerência interna. A técnica deve ser vista sob um tríptico aspecto: como reveladora da produção histórica da realidade; como inspiradora de um método unitário (afastando dualismos e ambigüidade) e, finalmente, como garantia da conquista do futuro, desde que não nos deixemos ofuscar pelas técnicas particulares, e sejamos guiados, em nosso método, pelo fenômeno técnico visto filosoficamente, isto é, como um tudo (SANTOS, 1996, p 20).

Por fim, é o meio geográfico que permite a Milton Santos promover uma periodização do território brasileiro, organizada segundo a sucessão do meio natural, dos distintos meios técnicos até o período contemporâneo de predominância do meio técnico-científico informacional.¹⁷ É a partir de tal periodização que é possível construir, segundo o autor, uma regionalização do país centrada na chamada região concentrada, compreendendo as regiões sul e sudeste do país, e polarizada por uma rede urbana tributária da metrópole de São Paulo. O meio técnico-científico informacional possibilita, assim, assimilar os processos de modernização seletiva do território brasileiro que o fazem um território nacional da economia internacional, atribuição geográfica do fenômeno do subdesenvolvimento.

A teoria social crítica proposta por Milton Santos, e apresentada em sua forma acabada em *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*, 1996, é resultado, portanto, de uma trajetória intelectual que já apresentava sua formulação original nos seus primeiros trabalhos com enfoque regional, sobretudo na obra *Zona do Cacau: introdução ao estudo geográfico*. O predomínio da técnica é evidente desde seus trabalhos iniciais e permite estruturar o conceito de meio geográfico como o eixo epistemológico que lhe proporcionou uma coerência interna no manejo das distintas categorias.

Considerações Finais

A qualidade e a extensão das contribuições de Milton Santos ao debate intelectual, para além do campo científico da Geografia, têm gerado uma longa lista de trabalhos sobre a vida, o pensamento e as obras do autor, principalmente após seu falecimento, em 2001. Este artigo se soma a essa lista. Assim, trata-se de mais um estudo sobre o pensamento do ator, em busca de debater as origens e o processo de construção de sua

¹⁷ Milton Santos e Maria Laura Silveira, 2001.

teoria geográfica, exposta e aplicada ao Brasil na fase de maturidade de sua produção, especialmente, em *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*, 1996, e *O Brasil: sociedade e território no início do século XXI*, 2001.

Como procuramos apresentar, essa teoria foi sendo elaborada ao longo de décadas de trabalho do autor, que remontam aos finais dos anos de 1940, a partir do exercício dialético e cumulativo, característico da sua forma de produção de conhecimento. Sempre pautado na crítica de estudos anteriores que realizava, Milton Santos incorporava novas leituras e observações do mundo empírico que permitiam dar um passo a frente ao tema investigado e aos poucos construindo sua teoria geográfica. Desde a primeira fase da produção do autor, essas características se evidenciam. E a obra *Zona do Cacau Zona do Cacau: introdução ao estudo geográfico*, na segunda edição, de 1957, é um marco revelador nesse sentido. Aqui a questão da técnica já aparece de forma clara, e será a base da explicação geográfica que o autor vai lapidando posteriormente, aos poucos, apresentada em seus trabalhos, na segunda e na terceira fase de sua produção, até a finalização em *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*.

A Natureza do Espaço apresenta uma interpretação pioneira ao estudo do espaço geográfico, descrevendo-o e explicando-o através das relações entre técnica e espaço e espaço e tempo. Oferece como resultado uma teoria geral do espaço geográfico demonstrando e reforçando seu papel ativo na dinâmica social. Através da Geografia, entendida por Milton Santos como uma contribuição específica para a produção de uma filosofia das técnicas, o autor apresenta uma grande contribuição à reconstrução da teoria social crítica. Uma verdadeira obra de arte, um clássico, que como já assinalava Ítalo Calvino em seu livro, *Por que ler os clássicos*, “nunca termina de dizer aquilo que tinha para dizer”.

REFERÊNCIAS

CONTEL, Fabio. B. Milton Santos. In: PERICÁS, L. B. & SECCO, L. F. (Orgs.) *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo: Boitempo, 2014.

ELIAS, Denise. Milton Santos: a construção da geografia cidadã. El ciudadano, la globalización y la geografía. Homenaje a Milton Santos. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Barcelona: Universidad de Barcelona, set. 2002, vol. VI, nº 124. <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-124.htm>> [29 de janeiro de 2017]. ISSN: 1138-9788.

GRIMM, Flávia C. A. Trajetória epistemológica de Milton Santos: uma leitura a partir da centralidade da técnica, dos diálogos com a economia política e da cidadania como práxis. Tese de doutoramento apresentada no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo, 2011.

MACHADO, Thiago. A. Da formação social em Marx à formação socioespacial em Milton Santos: uma categoria geográfica para interpretar o Brasil? *Geographia*, vol. 18, nº 38, 2016.

MACHADO, Mônica S. A força do lugar na obra de Milton Santos. In: MACHADO, M. e MARTIN, A.R. Dicionário dos Geógrafos Brasileiros. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

MENDOZA, Cristobal (Org). Tras las huellas de Milton Santos: una mirada latinoamericana a la geografía contemporánea. Madrid: Anthropos, 2008.

MORAES, Antonio C. R de. Território na geografia de Milton Santos. São Paulo: Anna Blume, 2013.

SANTOS, Milton. O povoamento da Bahia: suas causas econômicas. Imprensa Oficial da Bahia, 1948, 105p.

_____. Estudos sobre geografia. Tipografia Manú, Salvador/BA, 1953.

_____. Os estudos regionais e o futuro da geografia. Tese (livre docência). Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1953, 98p.

_____. Ubaitaba: estudo de geografia urbana. Salvador: [s.n], 1954. 15p;

SANTOS, Milton; TRICART, Jean et.al. Problemas de geografia urbana na zona cacauzeira bahiana. Bahia: S.N., 1956, 25p.

_____. A cidade de Jequié e sua Região, Jequié, RBG, 1956, v. 18, n.1.

SANTOS, Milton. O papel metropolitano da cidade de Salvador. Bahia, Conferência no Instituto Brasileiro de Geografia (Secção da Bahia), 25 de abril de 1956, 19p.

_____. Zona do Cacau: introdução ao estudo geográfico. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1957, 125p.

_____. Estudos de geografia da Bahia: geografia e planejamento. Salvador: Universidade da Bahia, 1958, 243p.

_____. O centro da cidade de Salvador: estudo de geografia urbana. Salvador: Progresso, 1958.

_____. Localização Industrial em Salvador, RBG, 1958, v.20, n. 3.

_____. Geografia e Desenvolvimento Econômico, RBG, 1959, v.21, n.4.

_____. Rede urbana do Recôncavo. Salvador: Imprensa Oficial, 1959.

_____. A cidade como centro de região: definições e métodos de avaliação da centralidade. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1959, 28p.

_____. O centro da cidade de Salvador: estudo de geografia urbana. Publicações da Universidade da Bahia, 1959, 196p.

_____. Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Hucitec, 1978, 157p.

_____. Espaço e sociedade. Petrópolis: Vozes, 1979, 156p.

_____. Espaço e Método. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. A urbanização brasileira. São Paulo: Hucitec, 1993, 157p.

_____. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996, 308p.

_____. Território e sociedade: entrevista com Milton Santos (entrevistadores: Odette Seabra, Mônica de Carvalho e José Corrêa Leite). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000, 127 p.

_____. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000, 174p.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001, 471 p.

SANTOS, Milton. Testamento intelectual/Milton Santos; entrevistado por Jesus de Paula Assis, colaboração Maria Encarnação Spósito. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

SERENI, Emilio. De Marx a Lênin: a categoria de formação econômico-social. *Meridiano*, nº 2, 2013.

SILVA, Fábio S. e SILVA, Maria A. Uma leitura de Milton (1948-1964). *Geosul*, v.19, n.37, 2004

SILVA, Maria Auxiliadora da. Milton Santos: a trajetória de um mestre. El ciudadano, la globalización y la geografía. Homenaje a Milton Santos. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Barcelona: Universidad de Barcelona, 2002, set., vol. VI, nº 124. <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-124.htm>> [01 de janeiro 2017]. ISSN: 1138-9788.

SILVEIRA, Maria L. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI – a história de um livro. *ACTA Geográfica*, 2011.

SORRE, Max. Geografia (Coleção Grandes Cientistas Sociais). São Paulo: Ática, 1984 (1952)

SOUZA, Maria A. A (Org). O Mundo do Cidadão, um Cidadão do Mundo. São Paulo: Hucitec, 1996.

ZUSMAN, P. Milton Santos. Su legado teórico y existencial (1926-2001). *Doc. Anàl. Geograf.* Nº 40, 2002.